

QUINTA-FEIRA
Lisboa --5 de Janeiro-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visto pela Comissão de Censura

85



sempre
five semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDAÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Os Reis... absolutos



Admiravel «bossa» que o camelo tem para os aguentar!



Os ditos da semana



Ano Velho Com o ano de 1927
Ano Novo morreram algumas
duzias de perús e
muitas ilusões. Com
o ano novo, novas ilusões
nasceram que hão de morrer
daqui a um ano, se não mor-
rerem antes.

Entretanto, sendo os anos
todos iguais, quando se pas-
sa dum ano para outro, tudo
se modifica, tudo é diferente.
1927 tinha 365 dias e era um
ano—o ano de 1927. 1928,
tem seis dias e já é também um
ano, como se andasse perdida
a noção dos tempos e dos nu-
meros.

Ha quinze dias, dizia-se
com toda a firmeza a um cre-
dor:

—Esteja descansado que lhe
pagarei ainda este ano.

O credor ficava satisfeito e
nós tínhamos diante de nós
uma semana apenas para cum-
prir a nossa palavra.

Hoje diz-se:

—Descance que ainda este
ano pagarei.

E temos diante de nós tre-
zentos e tantos dias, para sal-
dar o compromisso. O credor
force o nariz mas folgam as
costas, enquanto o ano vai e
vem.

Os Reis Guiados por má es-
Magos trela—uma estrela exi-
lada lá num cantinho
do céu—foram os Reis
Magos a... Não levaram
incenso, nem mirra, nem oi-
ro, nem pedrarias. Levavam
sómente a fé de que haviam
de ver o menino e que o me-
nino os cumularia de rique-
zas, de felicidades e daquela
graça divina que os tornaria
invejados nos seus reinos. Se
viram o menino ninguém sa-
be. Sabe-se apenas que rece-
beram a promessa de que o
menino viria um dia ter com
eles, e que, se tivessem juízo,
a riqueza, a felicidade e a tal
graça divina, viria também
ter com eles.

E agora, nos seus reinos,
os Reis Magos esperam ancio-
samente que o tempo passe e
chegue enfim o almejado
dia.

Mas os Reis Magos vivem
numa angustia permanente,
numa continua inquietação,
receando sempre que a mor-
te chegue antes da vinda do
menino.

Boletim Meteorológico

Este ano de 1928
que está sob a
influencia de
Marte, vai sen-
do, como o de 1927, um ano
inconstante, com tempo va-
riavel e frio rigoroso. Desde
ha dias que se acentua uma
grande depressão atmosférica
nos Açores, pondo Saragoça-
nos e Bordas d'Agua em sé-
rios cuidados, por não sabe-
rem a sorte que nos espera.
Ninguém faz previsões acer-
tadas. Vivemos todos á mer-
cê do tempo. Ameaça chuva

e dá sol; promete vento e dá
chuva. E, se bem que tudo,
neste paiz á beira mar plan-
tado, esteja a pedir chuva, a
gente não se resigna facilmen-
te a ter de molhar a vela
quando ha borrasca.

Uns, acreditam que vem
bom tempo e saem em corpi-
nho bem feito. Outros, con-
vencem-se de que vai haver
tempestade e agasalham-se
até á ponta do nariz, mas o
tempo faz o que quere e, quan-
do a invernia aperta, mo-
lha-os a ambos da mesma for-
ma, porque já lá diz o dicta-
do:—*Quem anda á chuva, mo-
lha-se.* O peor é que, neste
inverno rigoroso, a coisa che-
ga a termo que ameaça mo-
lhar mesmo aqueles que não
andam á chuva.

E ha então uns sonhadores
que, para se consolarem do
frio que enregela os ossos e

da agua que ensopa o fato
até o fio, se põem a sonhar
com um verão que ha de vir,
como um Encoberto sempre
esperado, numa manhã de
bruma, e que não aparece
jâmais, porque o verão tem o
seu tempo marcado e, nem
por emprestimo, se pode ar-
ranjar um calorsinho de agos-
to neste frio janeiro que vai
correndo. Prometem muito
os Rabestanas, mas o calor
não vem, nem mesmo que os
Rabestanas atribuíam as cul-
pas aos Bordas d'Agua, que,
justamente porque são de
agua, não podem mandar á
gente o almejado sol de agos-
to. E assim se prova que po-
dem mais os Bordas d'Agua
que os Rabestanas.

Maus caminhos...



—Isto é o que se chama um cami-
nho de cabras.

—E'. E' por aqui que a sua mulher
costuma vir.

A Praça da Figueira A Camara Muni-
pal tomou conta
da Praça da Fi-
gueira. Agora sim.
Com a nova gerencia, as re-
gateiras vão passar a ser de-
licadas. Tudo de punhos de
renda. Vender-se-ha uma la-
ranja usando uma linguagem
estilo Luiz quinze... tostões.
As cabeças de carneiro, á por-
ta dos talhos, deixarão de fa-
zer olhos de carneiro mal
morto, quando as senhoras
se aproximarem e os galos
nunca mais arrastarão a aza
às galinhas diante de gente.
As pescadas que dantes se
apresentavam de lingua de
fóra, recolherão o orgão, tal-
vez na intenção de dar uma
indicação á Comissão Admi-
nistrativa sobre a architectu-
ra da Casa da Cidade, lá em
baixo, no Largo do Muni-
cipio, onde o exemplo seria de
seguir.

A bicharada que se vende
viva, nunca mais satisfará as
suas necessidades, ignobil-
mente, sobre o pavimento. Le-
vantarão um dedo, aquela
que o tiver, e irá lá fóra,
que é como quem diz, lá den-
tro, a logar reservado e pro-
prio. Emfim, a civilização vai
entrar na Praça da Figueira.
Resta apenas saber se levan-
tando a moral na Praça, os
preços não lhe seguirão o
exemplo.

Cine-Fixe CAUTELA

Matinée das quintas-feiras

O FILME DE 1928

O Beires prepara um *raid* ainda mais piramidal, e já voltou do Alcaide o senhor Cunha Leal

Alguns do caso do *Engrola*, arrastados p'la intriga, já vieram da gaiola para a rua e á formiga...

Outros carolas que eu sei esperam o D. Sebastião e atiram-se ao Bolo-Rei co'uma segunda intenção...

Eleições são um episódio dos politicos fanaticos que vão acabar o odio entre azues e democraticos...

E assim, mais forte que fraco, vai ser o ano bissexto...

Se é mentira, vai p'r'ó sacco, se é verdade... vai p'r'ó cesto...

E sonhar paz e socego, no final deste festim, fica o Zé Povo patêgo...

FIM

Jetabê.

O cinema e o teatro

(Filosofia sobre os cinco sentidos)

A vista é de todos os sentidos que ao homem, nesta vida, mais se prende. —Afirmam uns que a roça não rescende e outros que prescindem dos ouvidos.

Do tacto, quem perder os seus fluidos a sensibilidade não entende. E aquel' que benha por manteiga vendo no paladar tem pontos discutidos...

Anda o teatro e o cine á compita a disputar direitos sem canceira e a lamentar qual deles a desdita.

Essas questões, por fim, são tudo asneiras. —A's vezes vale mais vêr uma fita do que gramar milhões de baboseiras...

Becago Senior.



—Ainda bem que me lembrei de trazer o guarda-chuva...

SENHORES!

Os jornais informaram o publico —e a propria policia!— de que a nossa bela e marmorea Ulysses está infestada duma perigosa quadrilha de gatunos internacionais.

E' uma triste e, ao mesmo tempo, engraçada verdade. Quem estas linhas escreve —o Sherlock Holm's do Fixe— já teve o ensejo de *apalpá-los*, isto é, de falar com um desses cavalheiros de industria, com um desses bandidos de alto coturno.

Foi ha dias, num dos muitos e variados antros de miseria doirada, num dos tais albergues de noctivagos duvidosos, que o jornalista, ou para melhor dizer, o *detective* conseguiu vêr a olho nú, *bem previdente*, a maquiavelica e engenhosa conspiração dos amigos do alheio... *torrão natal*.

O individuo, em *cheque*, que palrava correctamente a lingua da nossa boa amiga Gália, foi-me apresentado por uma *borbolêta* do *Mazim's*, por momentos, me tentara a deitar-lhe a rede.

Eram 0 horas, á moderna, e meia-noite, ou 24, á *ominosa*—a hora intima do prazer... clandestino!

O *club* regorgitava de pontos. Olhos havia famintos do sono; *algi-beiras* sedentas de *pápulas*; *bócas ávidas* de sensações fortes...

Segue-se a apresentação:

Ela: —Mr. Anatole, meu querido amigo e illustre director de uma fabrica de tecidos na Antuerpia.

Nêsse momento, recordou-me o nome de certo sujeito que nas gazetas já fez furor e que, a estas horas, está deveras *consulado*...

Respondi:

—Muita honra...

Porém, nessa altura, alguém me *balisca* o braço. Tive *dóres*; olhei: era o Custodio das ditas que, em voz de *falsête*, me disse:

—Esse *aldrabão*, ó pá, é um gatu-

O Sempre Fixe descobre uma quadrilha de gatunos internacionais que projecta saquear as ourivesarias de Lisboa

no internacional. Deixou a profissão de *rato de hotel* para se entregar á lucrativa venda de *estupefacientes*.

—Cá me cheirava... O meu *faro de reporter*, direi, de *detective* não me era falso! — respondi, depois de ter puxado por um *cazimboide* de metro e meio, já *queimado* pelo meu maior Vasco da Gama.

—E agora, esse e outros *m'eninos* projectam assaltar as semanas de ourivesaria...

—...as semanas?!...

—As *montras*, queria eu dizer.

E o Custodio, que estava em *maré de sorte*, obrigou-me *policialmente* a tomar um *grog*, visto que ficara *grog* com a informação.

Junto á nossa mesa conversavam *paulitivamente* o *Homem das Miúdas*, a *Jójó* e o *Mão de Vaca*. Três figuras *distintas* mas só uma verdadeira: a *Jójó*. Figura de mulher que atrai não só os *fomeeiros* mas também os *copos de carrascão*... O Custodio também ficou *preso* pelo beicinho quando a *investigou* — e eu limitei-me a *córar*, como qualquer *collegial*.

Como já estava *olucidado ácorca* dos *projectos* da quadrilha internacional, sob o pretexto de que me sentia *incomodado*, *esgueirei-me* para a rua e fui todo *fixe* informar o meu *Sempre Fixe*.

Nada, que a *caixa* era excelente para *espevitar* os *olhinhos argutos* do Belo Redondo... Ele, agora, que siga a *pista*, pois o Custodio precisa *vêr*, mais uma vez, a sua figura no *Noticias*.

E aqui está como um *forçado* da *imprensa* conseguiu falar com um bandido que toda a gente, muita gente, toma por *gentleman*.

Cautela, senhores! O caso, pelo visto, não é para *brincadeiras*...

Ivinho.

O verdadeiro Bolo-Rei



—Qual é a coisa qual é oia que vai no ombrulho e é comido?..

UM JANTAR "FIXE" ... DE PEIXE

Por ocasião dos ultimos contratos de impressão de discos de gramofone por celebridades portuguezas no estrangeiro, foi feito convite a um dos nossos maiores de fado, talvez ao maior e ao maior de todos.

Para isso, a fabrica pôs, depois de acôrdo financeiro, duas passagens de primeira classe a bordo de um dos melhores barcos ingleses á disposição do cantor e do seu acompanhador, que era nem mais nem menos do que o bom do Negrão, viola dos mais cotados, devotado acompanhador de Menano e concertista exímio.

Negrão, que alia a sua modestia a ser terceiro official do ministerio das Finanças; no dia da partida, por unica bagagem, levou para bordo uma malinha de mão com o *Sicudo*.

Ja radiante, largando a sua piada modesta de quando em vez, deslumbrado com aquela viagem inesperada ao estrangeiro, onde deixaria os harpejos melidiosos do seu instrumento no sentimentalismo portuguez.

Uma vez instalado á mesa de jantar, preparava-se para experimentar uma sensação gastronomicamente completa nova e aguçou o apetite.

O criado inglês, com toda a sua rectidão, serviu a sopa.

Seguiu-se o segundo prato, que era o de um delicioso peixe, trabalhado por mãos de um tão extraordinario *Vatel* que até seria capaz de transformar o *carapau* negrão no melhor *«pescado»*...

Negrão sentia-se feliz e, quando o criado inglês, grave, se aproximou para lhe retirar o prato do peixe, o bom do Negrão, sorridente, levantando o braço e abrindo a palma da mão, largou-lhe esta piada, tão corrente no *calão* portuguez: «*Fixe!*»...

O criado retirou-se sem lhe levar o prato e dali a pouco servia o peixe, pela segunda vez, ao Negrão.

Como o apetite não lhe faltava, comeu-o todo e, quando estava para dar um *estalinho* com a lingua, o criado inglês ia a aproximar-se quando o Negrão, triunfante e *piadista*, lhe largou pela segunda vez um «*Fixe!*»...

O criado, espantado, largou por sua vez um *«Oh!... e um Yes... e eis que, pela terceira vez, serviu o peixe ao Negrão.*

Nesta altura é que ele não se poudo conter e replicou para o visinho do lado, que falava o portuguez:

—Olhe lá: porque demonio é que eu vejo as outras pessoas a comer pratos diferentes e a mim só me dão peixe?

—E' porque você o pede.

—Eu?!

—Sim, homem... Você, de vez em quando, dizia *Fixe!* ao criado e peixe, em inglês, é *Fish*...

E aqui tem *vocelencias* como um professor de viola deu a sua primeira lição de inglês.

Reporter B.



—Minha mulher é muito *reconómica*. Faz-me uma gravata de uma blusa velha.

—A minha ainda é mais: faz um vestido com uma gravata minha...

Mais vale pouco do que nada

—Na minha carreira, disse-me no outro dia o dr. Zeferino, tenho tido ocasião de me divertir algumas vezes com a parvoíce de certos clientes.

«Eu fui chamado ha dias para ver uma velha mulher de campo que :)-fria de bronquite. O marido exercia a profissão de jardineiro, sendo especializado na cultura de repólkios e melões, conhecidos pelos maiores da região. Recitei o remedio classico: ventosas.

—Ventosas! — exclamou, estupefacto, o bom homem.—O que é isso?

—Eu expliquei-lhe o melhor que pude o que era e a melhor maneira de applica-las e, como de antemão sabia a dificuldade que o homem teria em arranjar os copos especiais, disse-lhe que quaisquer copos pequenos, serviam admiravelmente. Deze bastariam para fazer a applicação naquela noite.

«O homem assegurou-me que tinha comprehendido perfeitamente a maneira de as applicar e que, nessa mesma noite, faria o tratamento.

«No dia seguinte, dirigi-me a casa do pobre diabo, para ver como a mulher se dera com as ventosas. Com grande espanto, obsrvei-lhe nas costas uma bôlha enorme. Fiquei um pouco inquieto com o aspecto daquela gibosidade singular, que nunca em nenhuma das minhas fontes tinha visto, como effeito de mais ou menos ventosas.

—Que é isto? perguntei eu para o marido.

—O senhor doutor respondeu-me ele.—Como eu não tivesse em casa uma duzia de copos pequenos, para o tratamento, puz-lhe um copo só, mas dos grandes, o maior que havia em na aldeia, para que desse o mesmo effeito. Se a nãa foi pouco, é do tamanho dos melões, que são o meu orgulho. Mais vale pouco que nada sr. doutor!

Elmano de Lage.



A *scuhort* — Você não corresponde ás minhas atenções. Dei ordem para você subir no ascensor quando vem da ... e você traz-me tudo cada vez mais caro.

A *resulhetra* — E' que tudo sobe, minha senhora.

A SEMANA DOS ARTISTAS

Como a sonhou um redactor do "Sempre Fixe,"

Porque de quando em vez tenho tempo para sonhar, sonhei ontem com a «Semana dos Artistas».

Vi actores e actrizes em toda a parte: nos cafés, nas lojas de modas, nos *restaurants*, etc.

Vejam como eu sonhei:

No Café Chiado

(Fazem de criados o Alves da Cunha, Luís Pinto e Alfredo Henriques. De porteiro, o Armando Ferreira).

Um *freguês* para o Alves da Cunha:—Oh! Alves! Trás-me um copo de agua...

Em *conculario*:—Impingiu-me o Marquez de Carriehen... mas eu vin-go-me...

Entra o Artur Portela. Senta-se. Vem atendê-lo o Alfredo Henriques.

—V. ex.ª deseja?

—Um café...

Um minuto depois, volta o criado, que o serve com correcção.

O *Portela*, em *conculario*:—Foi a primeira vez que este cladrão fez alguma coisa de geito!...

Nisto, entro eu. Olho o Luís Pinto e digo para conigo:

—Que hein que este tipo representa... de criado. Até parece actor...

O Mario Quintela para o Armando Ferreira:

—Porteiro! (*laizishô*) Dê-me um papel para a...

—Ao fechar a porta:

—Este Armando tem um geito... Até aqui distribuíam-lhe papeis de W. C.; agora é ele que os distribue...

Numa casa de musicas do Rossio

(Faz de carteira a Rosalina Sayal).

Um *freguês* — Dê-me um *ompenho* de Harmonia.

A *carteira* — Para quê?...

Entra o Alves Coelho:

—Ecolha-me ali umas musicas francezas, porque necessito fazer musica original...

No Cartaxeiro

(Está no balaão o Henrique de Albuquerque).

Entra o Alegriim:

—Dê-me dois vintos do bean.

—Qual preferes?

—Olha: do que tu liches...

Na Livraria Portugalia

Um *freguês* para o Fernando Pe...

reira, que faz de caizciro:—Tem ahi a Historia do Cantu?

O Fernando Pereira para o dono da casa:—Oh! sr. Corrcial Ha ahi algum livro de canto?...

—!!!

Na Casa Pompadour

Chaby PinkCiro para uma *fregues*...

Na Praça da Figueira

(São vendeceiras, entre outras, a Ema d'Oliveira e a Teresa Gomes).

A Ema para uma *fregues* — *Lite* esta *coibe*. E' *bôçasinha*...

Surge, zangado, o Fernando Pereira:

—Oh! Ema! oh! Ema! Leva a couve p'rá gente. Olha que faz boa voz...

A *Teresa Gomes*: — Oh! senhores! Um nabo destes, *até* dá *conolação* vendê-lo...

Na Casa das Carteiras da rua da Prata

(As coristas andam todas á procura de carteiras... para a venda).

Dizem em *côto*:

—Que chatice! Estão todas *va*ziãs!...

Numa casa de flôres da rua Garrett

(Armanda Polonio e Beatriz Costa vendem flôres de novidade. A' porta está uma duzia de coristas vendendo flôres de crava).

Entra um *freguês*. Armanda e Beatriz dizem-lhe que as rosas são *caras*.

O *freguês*, *aplicando a frase*! *Be*nercenti:—E as caras são rosas, *en*horas...

Numa loja de moveis antigos

(Esperam a *freguesia*: Ester Leão, que na rua parece actriz, Antonio Sacramento, Rafael Marques e Carlos de Oliveira).

Um *amigo* do dono da casa, *olhan*do o novo *capessoula*:—Onde diabo descobriste tu estes *moveis*?!

Acordei... E não me recordo se no sonho entrava mais alguem...

Luis Figueira.

DIZ-SE

que mais uma vez se prova que andam a pôr a cruz de Cristo a quem seria capaz de pôr Cristo na cruz...

—que a revista do teatro Joaquim de Almeida está escrita em *prétoguês*...

—que as andorinhas do Apolo não teem azas mas *abçam*...

—que o Correia da Costa vai fazer um estudo... do que já está feito sobre o Prior do Crato...

—que, quando o Eduardo Reis morrer, levará o caixão forrado com os scenarios do *Só lá ha o Rato*...

—que fzeram grande successo, no 7 1/2, os bailados de Augusto Soares... ensaiados por Francis...

—que, por carencia de graça, vai criar-se a Liga dos Invalidos da Revista...

—que os *habitués* do Bife d'Arte passaram ás *Cosinhas Economicas*...

—que a revista *De Tcatro* vai apparecer com quadros novos...

—que lavaram a estação do Rossio para parecer *manuelino Seculo XX*...

—que vão mudar de disco o violino e o pianista do Café Chiado...

—que o dr. Brito Camacho, a conselho do dr. Agostinho de Campos, está preparando o elister para a irrigação... do Alentejo.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores fantares ao domicilio são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (a Estelania)



—Caramba: você ainda na semana passada andava á procura de um *caixeiro* e já quer outro?

—Não. E' o da semana passada que procuro.



Zé Maria preparava-se para sair da officina quando viu que o *taberneiro* de frente estava á espera para lhe pedir o dinheiro que lhe devia.

Pôs-se a acender o cigarro, vagarosamente, para dar tempo a que o *taberneiro* lósse para dentro e ele pudesse rascar-se á francesa, sem o outro dar por isso...

Mas nisto começou a chover desabaladamente e o *taberneiro* não teve outro remedio senão rascar-se lá para dentro, convencido de que o outro tambem faria o mesmo...

E então Zé Maria, puchando a gola do casaco para cima, pôs-se imediatamente a andar, dizendo:

—Ora deixa-me cá aproveitar esta aberta...

BOM HUMOR

— Linda mulher! Vou vêr se ela me dá sorte.
 — Pois se dér, diga-me.
 — Porquê?
 — Muito simples. Sou eu o marido!...

* * *

Num consultorio:
 O medico, abrindo a porta do gabinete:— Quem é o primeiro?
 — Eu, que esperei três meses... Sou o seu alfaiate.

* * *

— Não se recorda de mim, sr. Correia?
 — Ah, já sei! Foi o senhor que morreu o ano passado, no dia da final do campeonato da bola...

* * *

— Mãesinha! Pede a Deus que Vienna seja a capital da França.
 — Porquê, Zézito?
 — Porque foi assim que eu puz na parte escrita...

* * *

— Como te arranjas para conservar as tuas criadas tanto tempo ao serviço?
 — Graças ao meu marido, que durante muitos anos foi empresario teatral!...

* * *

— Toda a gente emudece quando contempla os meus quadros.
 — Onde estão expostos? Quero lá ir com a minha mulher...

* * *

O fazendeiro:— Venha dahi. Quero lhe ensinar a ordenhar as vacas!
 O vaqueiro, principiante:— Não seria melhor, como é serviço novo para mim, começar pelas vitelas?

* * *

O medico:— Não se incomode. Daqui a oito dias está curado.
 O doente:— O sr. doutor parece que conhece muito bem a minha doença?
 O medico:— Ora, se conheço! Ha quinze anos que a tenho...

* * *

— O senhor engana-se. Com mil réis por esta paisagem. Só isso custou-me a tela.
 — Acredito! Mas lembre-se que então estava limpa...

* * *

— Entre visinhos:
 — Descance, nunca mais o incomodarei com os meus ensaios de piano... Já o não tenho.
 — Muito me alegro! Veadeu-o?
 — Não, senhor! Troquei-o por um fonografo...



— Oh! tiasinha, os seus ovos são bons?
 — Ora essa, são de gente de confiança...

O ano de 1927

Curiosos apontamentos estatísticos

Com a ajuda de varias cifras e outras entidades pertencentes á familia dos algarismos, o *Sempre Fixe* regista um curioso balanço do ano de 1927.

Para começar, diremos que a cidade não aumentou sob o ponto de vista de construções, mas, quanto a moradias, a capital apparece-nos, ao abrir do ano, muito mais ampliada, isto é, a cidade repartiu-se em maior numero de partes de casa.

Nas ruas, foi notada uma grande diminuição de gatos, outro tanto não succedendo com os cães, que progrediram e proliferaram bastante, especialmente nos estabelecimentos comerciais.

Uma outra especie de animais, mais vulgarmente conhecida ou filiada na familia dos «cravass» aumentou aproximadamente em 35 0/0 sob o ano anterior.

A moda oferece á curiosidade estatística interessantes numeros. Assim, só na cidade de Lisboa, montou a 3.760 quilos o peso das tranças e pêlos do pescoço sacrificados pelas senhoras ao uso do cabelo á «Garçonnes».

Ainda sobre cabelos, e segundo as notas dum frequentador de theatros, foi notada uma differença de 82 individuos a mais sobre o ano anterior, que fizeram luzir as suas carecas nas plateias dos nossos theatros. Neste numero não estão incluídos os chinóes, que tiveram este ano um aumento de 7,5 por cento.

Foi tambem muito sensível a differença de senhoras que usam oculos, pois regista-se um aumento de 234 individuos do sexo feminino que não dispensam o vidro no olho.

E' muito possível que nesta qualidade estejam incluídas senhoras que usem oculos para se darem ares de doutoras, pois é importante o desenvolvimento do feminismo no nosso

país. Este simples informe dá bem a medida do que afirmamos.

Na carreira de tiro e nas aulas de esgrima e «box» inscreveram-se, no ano de 1927, perto de trezentas senhoras. O numero de dactilografas, no ano a que se refere este consciencioso estudo, aumentou em perto de seis mill

Pelos mapas feitos sobre os ultimos apuramentos referentes a 1927, sabe-se que foram entregues 1.084 requerimentos de divorcios, o que dá uma média de três separações por dia, oficialmente.

E' curioso registar que atinge quasi a mesma cifra o numero de individuos de ambos os sexos que foram ao hospital ou ao Governo Civil receber curativo ou pagar a multa por abuso da ingestão de bebidas alcoolicas.

Pedem-nos para não publicar o numero de caloteiros. Todavia, não deixaremos de dizer que eles aumentaram na percentagem de 65 por cento. Atinge quasi a mesma percentagem o aumento do numero de desfalques.

Um outro numero não menos curioso é o que se refere e dá a medida da capacidade elástica da intrujice.

Assim, no ano de 1927, foram burlados pelo conto do vigario 547 individuos, o que dá uma média de 1 1/2 por dia.

No campo das letras, foi muito sensível este ano a diminuição do aparecimento dos livros de poetisas, bem como o dos banquetes de honragem.

Por falta de espaço, não podemos publicar uma curiosa estatística sobre os maridos atraíçoados, pois que neste sentido, entre outras interessantes características, avulta o facto de haver numerosos atraíçoados que foram, ou são, mais de uma vez...



— Então, gostas do guarda-vestidos que te comprei?
 — Gosto, não calculas o arranjo que me faz...

Elevador da Gloria

Um sabio inglês, decerto velho e experimentado em sensações fortes, acaba de estabelecer por decreto que o amor é uma doença. Exactamente: uma doença. Como o reumatismo, a gripe, o sarampo, o doente de amor tem que recolher á cama e tratar-se... Se ao fim de algum tempo não estiver curado, o que é provavel, volta a usar o remedio, sentindo então os precalços da cura...

O sabio inglês, afinal, nada nos ensina de novo. O seu sistema, no qual se incluye o casamento, vem da pre-historia, e já agora, dada a existencia de Glazel, da epoca neolitica, o homem varado pelas frechas de Cupido sente-se abalado até á raiz. Como pouco, suspira muito e esmorece abundantemente. Estas três tolices características são como um copo de agua fria num organismo aquecido ao rubro. Acto continuo, declara-se uma infecção intestinal, que diminua caso lhe apliquem o purgante do casamento. Os pacientes caem num estado de fraqueza medonha, entrando depois, lentamente, na convalescença, dizendo muitas vezes mal do purgante... E' infalível. Basta passar a lua de mel.

Pode tambem não ser assim. O doente atacado de amor não tem objectivo especial. Contagia todas as primas das suas relações. A doença tem, então, um caracter epidemico. Qualquer coisa a alastra e multiplica: um olhar, um beijo, uma vaísa ou uma flôr. Se as mães não interveem a tempo, como antidoto, o vírus é perigoso e irresistível. Dá resultados e frutos...

Em qualquer dos casos e em muitos outros, o amor, segundo o inglês, é sempre uma doença. Provoca arrepios, desfalecimentos, exaltações.

Podemos, pois, concluir que a humanidade gosta de se arrepiar, de de desfalecer e de se exaltar. A questão é encontrar quem saiba sentir estas sensações, com o natural pudor de quem as não possui...

Estamos de acôrdo! O amor é a unica doença infalível e sem remedio. Para ela não ha precauções e são tantas as recaídas que nem o divorcio as evita... As mulheres padecem mais do que nós. Seria por isso que todos os homens são médicos? Ao que parece, réles se confunde o mal e a cura... Nenhum — estamos certos disso — se recusará a operar a doente, quando o caso é de reconhecida e assinalada gravidade. O resto pertence á mãe natureza, que inteligentemente disse, na aurora dos mundos: «Crescei e multiplicai-vos»



— Eu, este ano passado, tive muitas boas entradas. Calcule que casei a 31 de Dezembro...

PROSA DE CHA VELHO

Juizo do ano tauromaquico

Este criado de voelencias não é menos profeta que as variadas pitonizas e pitonizas que adeantaram a noticia das desgraças que nos hão de acontecer em 1928, como se não bastassem as que sofremos em 1927.

E como juizo não nos falta, mas sim dinheiro, faremos o juizo do ano tauromaquico em que vamos entrar, confiados em que os fados nos serão propicios e emolientes, como diria o «João Franco» da «Brasileira», que por sinal se chama Manoel.

Romperá o mês de Abril com as galas triunfais com que a Natureza ubérrima atrai as andorinhas a este sacrosanto torrão. (Este periodo saiu-me estupendo! Realmente, ha dias em que eu, propriamente dito, me admiro e aplaudo).

Se o Campo Pequeno não abrir antes do domingo de Páscoa é porque abre nesse dia, ou depois; e, se não chover, é quasi certo que estará bom tempo, a não ser que não chova mas faça vento.

O Segurado, que é empresario seguro, iniciará as corridas com varios certamens de caracter economico e tauromaquico, isto é concursos para saber quem bandarilha pior e mais barato, ou «péga» por pouco dinheiro e menos arnica.

Aos que ficarem sem cabeça não pagará nada e, como o colega empresario do «Duo da Africana»—que não pagava aos artistas porque todos eram da casa—apresentará touros da sua ganaderia, que sendo sua é de «borla». Nesta e noutras corridas, onde o «aficionado» vir anunciado que se lidarão oito bravissimos touros, pode ler oito mansissimos bois, e não se engana. E será muito puro o leitor se acreditar que os ditos bichos são puros.

O Manoel dos Santos e o «Rodrigo» continuarão sendo «inteligentes», graças a Deus, e muito convencidos, tambem graças ao Altissimo.

Os cavaleiros continuarão a metter ferragem larga, muito larga, e com o touro lá ao largo, e ferros curtos, que são os preferidos do publico. (Já dizia o bom José Bento: «Curtos são vocês dei nteligencia!»)

Os bandarilheiros darão ar aos «sovaquinhos» só de uma banda, e o «mestre» continuará a bandarilhar na outra banda, em Almada.

A «Banda Marcial Artistica» cada vez menos marcial e menos artistica.

Os cartazes serão originaes do sr. Santos e copiados por Roberto Domingo (santos de casa não fazem milagres).

Se vier algum «Espada... santos», será de passagem para a Moita. A não ser que se dê morte definitiva aos touros de morte. Neste caso virão alguns contemporaneos do «Carra-Ancha», os touros serão lidados pelo processo de «cuspo no cordelinho», ficando o publico a julgar que assim é que é, e tudo como dantes, Governo Civil em Abranches.

Continuarão a existir os «aficionados» da extrema esquerda—aqueles que pedem a tôrto e direito a «mão esquerda» (Não ha direito!) Existirão os mesmos «atravessados» que se atravessam na vida dos «espadas», afirmando que as estocadas são atravessadas e os touros degolados. (E não ha quem os degole a eles!) Emfim, existirá tudo que já existia, só o Cañero é que não.

Perez la chaise.



—Alisaste sempre em tua companhia.
—E que queres, papá? que eu me aproxime das boas? Então vou para guarda-freio ou condutor.

A NOVELA DO "FIXE"

Senhorio á força

(Ao meu amigo Carvalho da Silva)

Isolado do grande meio da capital, ele sentia-se feliz não só por não ter aspirações, como por ter uma esposa em nada exigente.

—Pois é como te digo, minha filha. Só tenho uma ambição e essa é de chegar a ter uma casinha só para nós, aqui, na terra. Quando o pé de meia estiver cheio, descança que a hei de mandar construir. Terreno já temos...

Assim falava ele para a esposa, que estava dando umas ramas de hortaliça aos coelhos, no quintalorio da sua casita em Goivos de Baixo, um oncantador lugar nos confins de Minho.

—Sonhos... são sonhos...—repetia-lhe a mulher. Olha que depois da casa, ha a mobilia...

—Descança, mulher, que tudo se ha de arranjar.

E assim vivia feliz e de esperanças o casal, quando o correio lhes trouxe uma carta de Lisboa.

Essa carta dava a triste noticia de que uma tia de sua esposa estava mal.

—Bem, não tens remedio sonão ir a Lisboa—disse-lhe a mulher.—A tia Eulalia sempre foi de uma amizade extrema por mim, quando eu era pequena. Nunca o esquecerei e faltaria a um dever...

—Mas, ó filha—atallhou o marido —a gente ir a Lisboa corresponde a derruir os alicerces das paredes da nossa futura barraca.

—O' filho, tem que ser.

—Sim? Então faça-se a tua vontade. Iremos a Lisboa.

E, depois de umas léguas de camionette, lá vieram eles até á Lisboa amada vêr a tia.

E do facto viram-na. Viram-na no caixão e ouviram lêr o testamento, em que lhes deixava um predio em Lisboa, dos muitos que possuia.

—Já tenho um predio—exclamou, no intimo, o marido e ajuntou, segredando para si proprio:—Não era em Lisboa que eu o ambicionava, era lá na terra.

E, por tal, lá foram uma outra vez para o Minho, a hipotecar uns palmos de terra que tinham, para as despesas de habilitação á herança da nova propriedade em Lisboa.

Passam-se anos e a lei do inquilinato trouxe surpresas.

O predio era bom, optimo, belo, mas o desgraçado, que julgou herdar uma fortuna, viu que o rendimento não lhe dava para o petroleo. Fez umas negociatas de trespasses dos estabelecimentos, em que foi fortemente interessado, e aqui temos o roso proprietario a maquinar a fôrma de tirar uns juros mais do seu rendimento.

Um dia, os gatinos roubaram os porta-vozes de metal da escada, que era uma regalia dos inquilinos, que

so sentiam felizes naquele Elen de sossego e de boa vizinhança. As campainhas electricas deixaram de tocar e a fechadura automatica avariou-se, um algeroz entupiu-se, um estuque caiu e abriu-se na parede, á entrada da porta da escada, um grande buraco para a instalação das novas caixas de correio.

Por seu turno, ele aceitou o trespasso de um andar para casa de hospedes, o que lhe rendeu uns escudos de luvas, de fôrma que o sossego de outros tempos dos inquilinos transformou-se, a breve trecho, numa tempestade diaria. Movimento de comensais, camas que subiam e desciam quando terminava o aluguer dos quartos, as campainhas sem tocar, a porta sem se abrir, o porta-voz sem apitar, mas, caso raro, sem nenhum dos inquilinos protestar.

Um belo dia, receberam os inquilinos um adicional prticular, a lapis, no recibo da renda, concebido nestes termos:—Caixa do correio, 10 escudos.

Pouco tempo depois, mais outro adicional: Campainhas, 10 escudos. E depois mais outro: Apitos para o novo porta-voz, cinco escudos.

E a caixa do correio continuava por acabar, as campainhas sem tocar, o porta-voz sem apitar, os inquilinos sempre a pagar, os hospedes do tal «andar» a sair e a entrar e os inquilinos sem protestar.

... ..

—Minha filha—dizia ele—o que havemos de fazer? Com certeza que em Lisboa eu sou tido por um pantomineiro! Tenho faltado a tudo e agora é preciso pintar o predio.

—Pois pinta-se o predio—diz-lhe a mulher.

—Com quê?

—Ora com o que ha de ser? Com tintas...

—E o dinheiro?

—Vendem-se estes terrenos cá na terra.

—E não será melhor vender o predio.

—Crêdo! Isso iria contrariar a tia Eulalia, lá no outro mundo...

—Então?

—Então, o que temos a fazer é irmos morar para lá.

—Para lá?

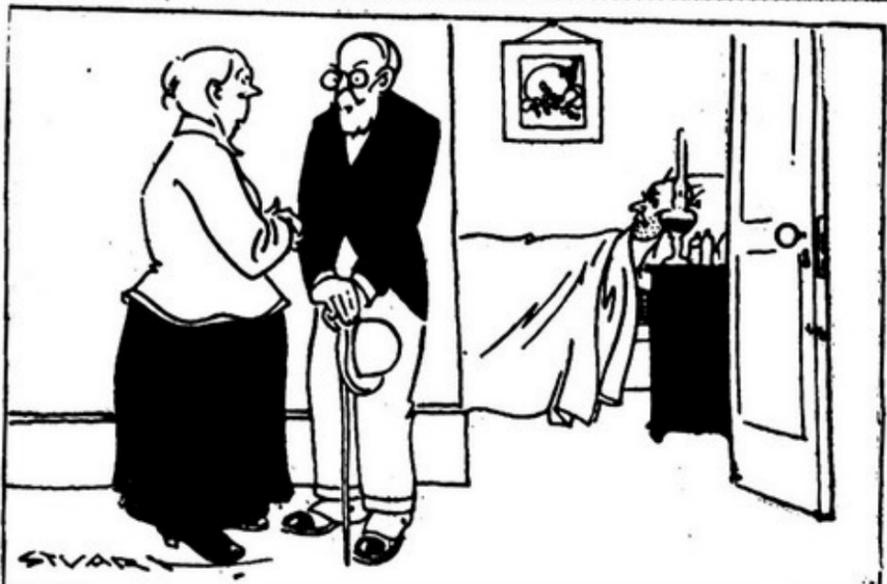
—Sim, alugamos um quarto ao nosso inquilino da casa de hospedes e, assim, com o pouco que temos e o pouco que receberemos, viver-se-ha...

... ..

Tempos depois, o semanario de Goivos de Baixo, no *Carnet Mondain*, inseria a seguinte noticia:

«Partiu para Lisboa, em companhia de sua esposa, e para administrar as suas propriedades, o nosso amigo, contrerraneo e capitalista Felix Congosma»...

José Barbosa.



—Parece que são febres palustres.
—Seu marido já esteve em Africa?
—Não, senhor doutor, mas tem em Moçambique um tio que escreve por todos os paquetes.



1927 da 30.ª cine-extracção da lotaria da Santa Casa-ás-Escuras não saiu branco, mas tambem não apanhou a sorte grande. Cá na *Sempre-fizália*, nossa patria, andou mesmo pelas aproximações, tal foi o sucesso de alguns filmes... e o insucesso de outros. Surgiu uma nova figura, digna de Rafael Bordalo—o Zé Cinéfilo, povinho como o outro, pagante como o outro, mas... mais pagotónico. Tudo deu uma reviravolta cinegrafica, excentuando a industria nacional, que se limitou a mudar de burro... por nunca ter montado a cavallo. Oxalá 1928 lhe traga melhores ventos.

Vieram dar-nos as boas-festas alguns azes da estranja, de cambalhada com outras tantas estrélas celebres, sob a fôrma de celuloide dilatado.

* * *

No Tivoli esteve toda a «Société des Films Historiques», tendo havido occasião de cumprimentar Charles Dullin e sua esposa, Pierre Blanchar e sua dita (Edith Jehanne), Pierre Batcheff e sua marreca, Armand Bernard e sua graça, Camille Bert, Jacquie Monner, Aléxianne, etc. Tudo isto junto denominava-se *O jogador de xadrez*, um auto-bicho que, na vida privada, jogava... as damas. O sr. barão de Kempelen pode limpar a mecanica á parede, que fez obra assuada. Mais valia ter escondido o rapazinho na carvoeira ou, melhor, nas saias da Wanda ou da Sofia; talvez assim escapasse á furia imperial, se a... I. G. T. o não catrafilasse. Então é que se lhe iam as trancinhas, no Governo Civil.

No Odéon compareceram Lon Chaney, Norma Shearer, William Haines, Aileen Pringle, Edmund Lowe, etc. Serviu-lhes de interprete o sr. V. Chagas Roquete. O publico, como sempre sucede em bons programas, não lhes ligou nenhuma ou pouca. Provavelmente foi alguma Liga... da Duquesa... quero dizer: da Moral, que não gostou de vêr a Shearer sair da norma, para dar em droga; ou então foram os luveiros que afinaram porque o Sjostrom tem uma decidida preferencia pela sapataria. O moñor é o Lonchaney a disfarçar, afirmando que aquilo tudo é no *Rêno da Quimera*, para não escaangalhar o casamento da pequena com o Irving Talberg, que se fez representar pelo sr. Monteiro Pinto.

As *Almas Gémeas* são Aileen Pringle e Edmund Lowe, cuja amostra *Pela Patria* nos deu uma pessima impressão, agora compensada. A comedia é boa, mas já cá se sabia que «Deus faz as almas aos pares», pelo menos o João de Deus...

Recomendamos, sem fins reclamativos, uma visita á Sally O'Neill, ao Charles Murray e ao Ford Sterling, esta semana. E' delicioso e traz compensações. Eles constituem *Uma familia ambulante*, é certo; mas talvez os apanhem no desvio. Se aceitam um conselho, não se preocupem com a Marion Davies, pois podem levar um sóco do Creighton Hale, um tiro do Antonio Moreno ou uma dentada do Roy D'Arcy. O gesto nobre da estréla-milionaria para salvar o trôno do priminho merece bem, da geral, um grito entusiastico:—Ahi, Sua Al...teza!

No Politeama subiu *O ultimo degrau* ou *Os inconvenientes da televisão*. O televisiofone seria um chamado invento... fresco. Que o diga o Forrest Stanley, que ia perdendo a patente e a pinha, por via da Marguerite Livingstone. Mais lhe valia a Valli. E dahi, talvez não se desse bem com Virginia—tem ópio e pica na guela, do que nem todos gostam.

Chantage é o reverso da medalha. Ali é que o marido é ás direitas, porque ainda por cima pede desculpa. Não! Não é um grande... Withcomb: é um Withcomb... grande! Isso é que é *Chinc*, seu Jean Angelo. Huguette é uma mãe á altura da... altura do marido. Constant Rémy... fa' sol lá si, comme-ci, comme-cá! Que dó!

Retardador.



O que se diz e o que se não deve dizer...

UM AZ DE FOOT-BALL POR QUINZE CONTOS

O acontecimento desportivo da semana é o desafio de domingo proximo entre as equipes representativas de Portugal e de Espanha.

O facto tem uma importancia tal que o *Sempre Fixe* não se atreve a fazer espirito e resolve enfileirar no jornalismo sério da especialidade, ouvindo varias categorizadas personalidades sobre tão momentosa peleja.

Eis as opiniões colhidas:

Andião de Oliveira:—Se os espanhóis não ganharem, creio que poderemos talvez contar com a nossa primeira vitoria em encontros desta natureza—a menos que a marcha do jogo não conduza logicamente a um empate...

Cruz Coelho:—Se perdermos, lá estarei para chorar...

Dr. Joaquim Manso:—Estes jogos de destresa fisica não podem deixar de ser gratos ao nosso espirito de apaixonados pela cultura helenica.

«No volume X das *Satiras* de Juvenal se encontra, a paginas 356, o aforismo celebrado: — *Mens sana in corpore sano*. O homem verdadeiramente sabio, diz o poeta, só pede ao ceu: a saude da alma com a saude do corpo.»

Zambora:— Si no fuera por respecto al Primo de Carmona hasta yo marearia goals.»

Alfredo Vieira Pinto:—O foot-ball é uma lotaria. Mas convinha que nós ganhassemos aos espanhóis. Era uma grande do Natal... e a edição do *Diario de Lisboa* vendia-se como canela.»

Dr. Urgel Horta:—Tenho fé na vitoria. O Waldemar é tudo...

Cosme Damião:—Estes jogos profissionais repugnam á minha sensibilidade de amator.

«Os bilhetes do Tesouro tiram-lhe toda a belesa. No meu tempo, o maior que se dava aos jogadores era um róllo de moedas de prata—verdadeiras miniaturas de arte...»

Felix Correia:—O foot-ball é uma coisa ignobil. Em todo o caso, vejam lá se me conseguem arranjar um cartão de convite para o banquete...

Joaquim Ferreira:—Eles não querem que eu seja internacional. Mas eu tambem não quero jogar como eles jogam...

Silva Ramos:— Os seleccionadores precisavam de apanhar na cabeça com umas pedras pretas muito bem embrulhadinhas em papel de seda.

«A guarda-rédes puzeram a Madaleno Dubarry, com apuele joguinho em pontas que todos nós conhecemos. Estou mesmo a ver as bolas a entrarem-lhe por baixo das saias e por cima do chapéu!

«Logo de entrada, o Gamborena manda-lhe um canhão que o deixa completamente careca. E quando o Samitier começa a fazer a distribuição de rancho nos domicilios, com o caldo a entornar para o chão—até a camisola do rapazinho começa a deixar cair o pêlo todo...»

«Um dos backs é daqueles que já se não usam...»

«E os pequenos da frente...»

A Federação:— Esperamos bater por muito... o record... da receita...

Com a entrada de Julio de Azevedo e Cosme Damião, diz-se que o *Club Internacional de Foot-ball* vai entrar numa fase de vida intensa.

Anuncia-se para uma noite proxima a revivescencia, ao natural, de —Um serão nas Laranjeiras...»

Houve quem se indignasse com o facto de Cruz Coelho, em Londres, ter abandonado o combate, chorando.

Nós achamos absolutamente natural que o rapaz tivesse chorado. Pois... se lhe bateram...

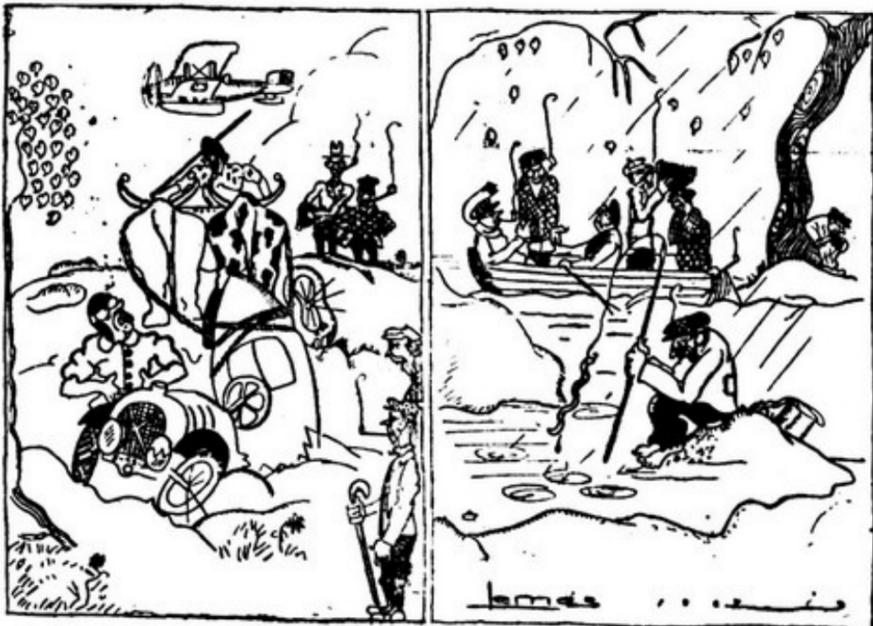
O *Sport de Lisboa* publicou um esplendido artigo doutrinario a proposito da compra dum az de foot-ball mediante quinze contos em bilhetes do Tesouro.

Quanto a nós, a compra explica-se perfeitamente.

Dizem-nos que, nos seus tempos de garoto, o az actual andava, em determinados courts de tennis apanhando as bolas mediante a esportula de dez réis.

Já lá vão muitos anos. E entretanto deu-se a desvalorização da moeda...

Como se anda nas nossas estradas



De verão... só de avião.

De inverno só de... bote.

Rebola-A-Bola.



—Alli onde a vés era contractada dum club onde ganhava 200 esoudos por noite.
—E agora?
—Agora anda a dias e ás vezes dança na corda bamba.



—Oh Jaquim, que diabo é isto?
—Isto era um relógio de sol que usavam os antigos.
—Mas que grande frete faxiam os gatunes quando resolviam empalmar algum.

Como se faz musica para uma revista vista e revista



Empresario: — Queria que me fizesse musica para esta revista, bastante original... — Os couplets não são feios... vamos à obra.



— Podia-me tocar alguns discos dos mais modernos?



— Ouça V. Ex.^a este! E' a ultima novidade de Paris!



— E este tango, que maravilha!



— Temos mais, For e Blues.
— Não, obrigado. Já me chegaram...



— Póde V. Ex.^a contar com um verdadeiro sucesso!...



E... FOI!

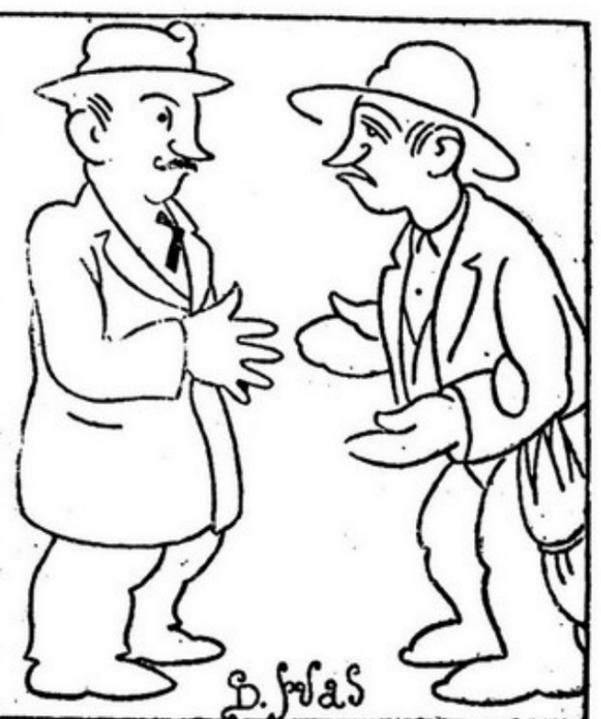
Descoberta já descoberta



— Olhe que na minha terra tambem ha homens de talento. Ainda outro dia o boticario descobriu o sistema nervoso das plantas.



— Se foi só isso o que ele descobriu póde limpar os mãos á parede. Eu já sabia que as plantas tinham nervos e até calos.



— Vocemecê?
— Sim, homem, sim! E você tambem devia saber. Então as plantas dos pés?

D. J. Mas